



INTELECTUAIS NEGROS: ESCRITOS DE TRAJANO MARGARIDA EM FLORIANÓPOLIS (1915-1946)

Karla Leandro Rascke¹

RESUMO

A presente comunicação pretende discutir a organização de intelectuais negros em Florianópolis nas primeiras décadas do século XX, momento marcado pela consolidação de diferentes espaços criados e gerenciados por homens e mulheres de origem africana na cidade. Com base em documentos (textos, livros, poemas e fotografias) produzidos por Trajano Margarida e também sobre ele, buscamos discutir os impactos da República na cidade, bem como os mecanismos criados por afrodescendentes para lidar com as transformações deste período. A luta por cidadania e novas expectativas no pós-emancipação envolvem demandas construídas por intelectuais negros em busca de escolarização e possibilidades de uma vida melhor. Procuramos ver a cidade por meio das "lentes" de Trajano Margarida, compreendendo também suas vivências dentro de diferentes associações fundadas por afros.

354

Palavras-chave: História. Intelectuais. Afrodescendentes. República. Florianópolis.

INTRODUÇÃO

Associações organizadas por populações africanas e seus descendentes no Brasil existem desde o século XVII, alterando, ao longo do tempo, objetivos e integrantes constituídos em cada período histórico e com características próprias de cada uma dessas associações (irmandades, blocos carnavalescos, escolas de samba, cacumbis/quicumbis, sociedades recreativas, associações dos homens de cor, etc.). A partir destas experiências coletivas de organização, procuramos perceber trajetórias de vida, expectativas e construções narrativas e simbólicas em busca da cidadania, pauta das demandas de ex-escravizados e descendentes de africanos no período republicano, quando do fim do regime escravista e proposta de uma “nova” sociedade, pautada nos ideais de progresso e civilização.

Inúmeras agremiações existentes em Florianópolis na primeira metade do século XX constituíam territórios negros na cidade, áreas e formações reorganizadas nas reformas urbanas e ressignificadas por seus pertencentes. Algumas figuras ativas em Florianópolis marcaram também a construção de uma visibilidade positiva almejada por muitos homens e mulheres agremiadas, como Antonieta de Barros e Leonor de Barros, Trajano Margarida, Ildefonso Juvenal da Silva e Demerval Cordeiro; atuaram política e

¹ Doutoranda em História Social pela PUC-SP sob a orientação da professora Dra. Maria Antonieta Antonacci, mestra em História Social pela PUC-SP (2013), professora tutora no CEAD-UDESC, pesquisadora associada ao NEAB-UDESC e ao CECAFRO/PUC-SP. karlaleandro@gmail.com.



educacionalmente para criar possibilidades de ascensão social de afrodescendentes nas primeiras décadas da República.

Articulados em jornais, espaços políticos, constituindo escolas e ministrando curso primário, propunham a educação como forma de ascensão social e melhores condições de vida. Oportunamente, cabe mencionar que estes personagens, diante dos empecilhos impostos pela Academia Catarinense de Letras à participação de mulheres e de descendentes de africanos, fundaram seu próprio Centro, o Centro Catarinense de Letras em 1925. Articulando saberes letrados e vivências embebidas em memórias africanas, tratam-se de homens e mulheres imersos em lutas que consideravam importantes e necessárias no período.

As décadas de 1910 a 1930 marcaram o surgimento da Associação de Homens de Cor, do Centro Catharinense de Letras e dos Clubes Recreativos de origem africana, sugerindo atenção para os cuidados com a escolarização, a educação formal de afrodescendentes. A percepção de que a educação significava possibilidades de ascensão social e maior prestígio compunham expectativas e investimentos destes homens e mulheres. Este período também marca a presença de outras formas de organização existentes na cidade, como a Irmandade Beneficente Nossa Senhora do Rosário e a Irmandade de Nossa Senhora do Parto. A década seguinte constitui novo marco de atuação destes agrupamentos associativos a partir da fundação de Escolas de Samba: Escola de Samba Protegidos da Princesa (1948) e Embaixada Copa Lord (1955) -, implicando pensar as vivências do samba, sua oralidade, intencionalidade educativa e também as posições políticas destas populações em suas composições.

355

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Fábio Garcia, estudioso de intelectuais de origem africana no pós-abolição, os “intelectuais negros, ao longo da historiografia sobre o assunto, também são denominados de elite negra, liderança negra, ou mais usualmente homens de cor” (GARCIA, 2007, p. 15). Esta interpretação do autor permite-nos vislumbrar diferentes modos de lidar com as categorias de identificação ligadas à origem africana. Sendo assim, para evitarmos generalizações, incorreções e construções abstratas, talvez não experienciadas pelos sujeitos históricos integrantes das agremiações que pretendemos estudar, optamos por utilizar a categoria afrodescendente na proposta de abranger estes múltiplos sujeitos, identidades e significados sociais (RASCKE, 2016).

Autores como Paulino de Jesus Francisco Cardoso (2008), Maria das Graças Maria (1997), Lisandra Barbosa Macedo (2011) e Júlio César da Rosa (2011) permitem vislumbrarmos práticas múltiplas e organizações amplas de diferentes grupos de origem africana em Santa Catarina, especialmente trilhando abordagens e perspectivas do Pós-Abolição, que, como diriam Hebe Mattos e Ana Rios, constituem caminhos para pensarmos vivências, experiências e expectativas de sujeitos históricos em seus projetos e anseios de liberdade e cidadania (MATTOS; RIOS, 2004).



METODOLOGIA

Ao lidar com a documentação de imprensa, mais especificamente jornais e periódicos do período, procuramos vislumbrá-los enquanto documentos de uma época, com peculiaridades, linguagem constitutiva do social, de acordo com a historicidade na qual foram produzidos (CRUZ; PEIXOTO, 2007). Pautamo-nos nas orientações tão bem elaboradas por Peixoto e Cruz no que tange aos cuidados necessários na análise deste tipo de documentação, visto ser produzida numa conjuntura, com propósitos e permeada por seu espaço social.

Nossas fontes de pesquisa são: fotografias, documentos manuscritos e impressos sobre José Boiutex, Idelfonso Juvenal, Trajano Margarida e Antonieta de Barros, intelectuais de origem africana públicos do Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC); Jornais e periódicos contidos na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina no Acervo de Obras Raras; Obras literárias produzidas Por Trajano Margarida disponíveis para consulta no Setor de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

356

A CIDADE E TRAJANO MARGARIDA - OLHARES

Trajano Margarida, “poeta, seresteiro, escreveu poemas, notas, textos e livros que podem ser tomados como expressão do cordel local, compôs sambas que foram cantados nos carnavais da cidade, criou hinos para celebrar a construção da Ponte Hercílio Luz e fundação do Figueirense Futebol Clube” (PEREIRA, 2001, s/n). Homem de origem africana, revelou olhares sobre uma Florianópolis pautada em personagens pobres, benzedeadas, prostitutas, órfãos, mendigos... as marcas de uma modernização e de uma Abolição não tão bem encaminhadas, “gente que revela a cidade desajustada, incômoda e inconveniente diante dos anseios e projetos pensados pelas elites” (PEREIRA, 2001, p. 14).

Em uma obra de época, publicada em 1957, denominada *História da Literatura Catarinense*, Arnaldo S. Thiago descreve que Trajano Margarida, nascido em 16 de janeiro de 1889 em Florianópolis,

[...] é uma das mais eloquentes expressões da nossa literatura regional. Adotando vários pseudônimos que despistam, para nosso mal – os que procuramos estudar os homens de cultura – Trajano Margarida, se assim procedeu nas lides da imprensa, dá-se, entretanto, a conhecer pelas suas obras de vulto, como: “A Pátria e o sorteado”, “Acuso-te”, “No meu tempo de rapaz”, “Flôres Mortais”, “Reminiscências” e tantas outras, umas de lavor



poético, outras em prosa. Chamam-no no Estado de “o poeta do povo”² (THIAGO, 1957, p. 391).

O autor, escritor da época, vivenciou as primeiras décadas do século XX e conheceu a poesia e prosa do intelectual. Figura atuante e reconhecida na capital, Margarida escrevia textos e versos para jornais, semanários e revistas, destacando suas percepções políticas, sociais, estéticas e econômicas da cidade nas primeiras décadas do século XX. Exímio orador, participou de diferentes eventos sociais, bem como teve seus poemas declamados e cantos entoados por “grupos de gentis senhoritas” em *soirées* dançantes e encontros literários.

Em 20 de dezembro de 1921, o Grêmio Recreativo Literário Catharinense realizou uma “elegante soirée dançante” em comemoração ao Natal. O evento contou com música, dança e “saudações ao Natal”, versos de Trajano Margarida, como noticiou o Jornal *A Verdade*, uma semana depois:

[...] Ao som de uma bem afinada orquestra, foi a Soirée prolongada até alta madrugada.

A meia noite, foi por um grupo de gentis senhoritas, cantada algumas saudações ao Natal, letra do nosso conterrâneo sr. Trajano Margarida.

Felicitemos a diretoria do Grêmio, pela festinha de 24, e agradecemos as gentilezas que foram dispensadas ao nosso representante.

(Jornal *A Verdade*, ANNO I, Florianópolis, Terça-feira, 27 de Dezembro de 1921, número 74).

357

Trajano Margarida (1889-1946), jornalista, orador, professor, escritor, educador e poeta, também constava como idealizador e fundador da Associação dos Homens de Cor (1915), personalidade envolvida em diferentes associações culturais e cívicas de Florianópolis. Ildefonso Juvenal, com cerca de 21 anos, e Trajano Margarida, com aproximadamente 26, além do amigo Astrogildo Campos, “sentiram a necessidade não só de compartilhar seus sonhos e esperanças, como também de vislumbrar o levantamento social, cultural, intelectual e moral dos homens negros” (DOMINGUES, 2011, p. 119). Optaram por comemorar a Abolição da Escravatura de um modo diferente, fundando, naquele ano, a Associação dos Homens de Cor, num evento realizado no Teatro Álvaro de Carvalho, no centro da cidade, reunindo diferentes homens e mulheres, intelectuais, políticos e autoridades públicas, representantes da imprensa e de outras associações diversas de Florianópolis.

Também participou, alguns anos depois, da fundação de outra associação, na ocasião uma agremiação esportiva. Junto a Jorge Albino Ramos, João Savas Siridakis e Domingos Joaquim Veloso e outros amigos idealizaram a fundação de um clube de futebol. Ulisses Carlos Tolentino, envolvido com as expectativas do grupo, cedeu “sua residência que ficava ali próximo da barbearia, exatamente na rua Padre Roma [antigo

² Todas as citações diretas antigas utilizadas neste artigo, provenientes de textos e jornais, foram adequadas ao formato atual padrão da língua portuguesa, permitindo, assim, melhor compreensão dos aspectos evidenciados nos escritos de época.



bairro da Figueira, região de forte presença de origem africana], número 27 para fazer a tão anunciada reunião” (FELIPPE, 2001, p. 20). Agendou-se então, para 12 de junho de 1921, o encontro decisivo de fundação da agremiação esportiva.

O jornal *A República* noticiou, certo período após a fundação, uma matéria informando sobre a existência daquela agremiação esportiva e dos componentes de sua diretoria:

Figueirense Foot-Ball Club

Recebemos comunicação de haver sido fundada essa sociedade desportiva, nesta capital, tendo a sua diretoria constituída da seguinte forma: Presidente – João Xavier, Vice-Presidente – Heleodoro Ventura, 1º Secretário – Trajano Margarida, 2º Secretário – Balbino Silva, 1º Tesoureiro – Jorge A. Ramos, 2º Tesoureiro – Bruno Ventura, Procuradores – Carlito Honório e Agenor Dutra. Gratos pela comunicação (Jornal A República, 10 de julho de 1921, Arquivo do Figueirense Futebol Clube).

Após a fundação do clube, uma das demandas em torno da identificação do time e de sua torcida foi a elaboração de uma canção que pudesse estreitar estes laços e demonstrar o apreço da torcida pela agremiação. Trajano Margarida, secretário da agremiação esportiva, ofereceu ao Figueirense a letra da canção que seria então marca do clube e consolidaria sua identificação com a torcida (CARDOSO; RASCKE, 2016, p. 111). Segue abaixo a letra escrita por Margarida.

358

CANÇÃO DO "FIGUEIRENSE"

Escrita e oferecida
por Trajano Margarida*

Nos campos do Sport
Nosso nome é querido
Entre todos é chamado, o forte,
Que a lutar nunca se viu vencido

Não temo, valente,
Com poder na luta vence.
Aos seus pés a glória sente,
O tão glorioso "Figueirense"

Estrilho

Com fortes "times", já lutamos,
E sentimos por isso o ideal prazer.
Durante a luta só pensamos
Em folgar, folgar, vencer.

Não há, não há, tão glorioso,
Que se iguale em valor,
ao "Figueirense".



Ninguém como ele é poderoso,
Que a lutar, suplanta, vence.

Nos campos, lutamos.
Com denodo e valor,
Rivais fortes, sempre encontramos
Os quais não, nos causam terror.

Aos vê-los, sentimos,
Em nossa alma o prazer,
Da vitória a vós ouvimos,
Nos dizer, lutar, vencer.
(volta ao estribilho)³.

A canção, obra de Trajano Margarida, evidenciava os anseios por vitória e as lutas da agremiação para alcança-las, destacando o time como forte e vencedor. Narrador dos sentimentos humanos, das tristezas e agruras da pobreza, das alegrias e vivências da religiosidade, do samba e do carnaval, o intelectual envolveu-se com a cidade, suas pessoas e sonhos. Diante de suas possibilidades, ocupou espaços, organizou redes de sociabilidades e solidariedades naquelas décadas iniciais do século XX, ainda fortemente marcadas pelas heranças escravistas e pela desigualdade racial e econômica, ou de classe.

Considerando a atuação de Trajano Margarida nas diferentes associações com as quais se envolveu, o Centro Catharinense de Letras merece menção, enfoque e algumas análises, visto congregar diferentes intelectuais de origem africana, homens e mulheres, constituindo espaço articulador e difusor de “trabalhos de valor literário suficiente para fazer crescerem nomes, entre outros como o de Maura de Senna Pereira e Antonieta de Barros, que inclusive ingressou na política pelas mãos de Vidal e Nereu Ramos e foi deputada estadual, com todas as forças contra si, por ser negra e mulher” (CORRÊA, 1997, p. 177). Como bem enfatizou Carlos Humberto Corrêa, Maura de Senna Pereira, foi eleita para a Academia com apenas 23 anos, tornando-se a primeira mulher a ingressar numa Academia de Letras no Brasil.

O Centro Catharinense de Letras foi fundado em 1925, apoiado pelo então Governador Antônio Pereira e Oliveira. Na visão de Corrêa (1997), havia um “marasmo cultural” na cidade, que demandava a criação de uma entidade que reunisse os “literatos da terra”, visto que a Academia Catarinense de Letras era formada por intelectuais das elites brancas. O Centro compunha-se de alguns membros da Academia Catharinense de Letras, descontentes com os rumos que a associação seguia, principalmente sob a “regência obscura de Altino Flores”. Compunham o Centro, também, “um bom número

³ Fonte: *Jornal República*, 24 de Dezembro de 1921 - Edição nº 947. Material transcrito e disponibilizado em: <http://mantoalvinegro.blogspot.com.br/2008/04/curiosidade.html>. Acesso em 27 de janeiro de 2015. O original do jornal também foi consultado no acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, Setor de Obras Raras.



de outros escritores que não haviam participado da Academia por serem considerados *poetas menores*.” (CORRÊA, 1997, p. 164)

A Academia e o Centro possuíam divergências, sendo a primeira apoiada politicamente por Hercílio Luz e o segundo, por Pereira e Oliveira⁴. Em 4 de janeiro de 1925, nas dependências da União Beneficente e Recreativa Operária – UBRO, foi fundado o Centro Catharinense de Letras. “A instituição, que se dizia democrática, era composta de associados que não se presumiam *deuses das Letras*, numa clara alusão aos membros da Academia, mas sim *cultores modestos da arte da vernaculidade*.” (CORRÊA, 1997, p. 169). Das as articulações junto ao governador, o Centro conseguiu uma “sala totalmente montada nas dependências da Escola Normal, nos fundos do Palácio do Governo, para servir de sede ao órgão” (CORRÊA, 1997, p. 172). Ademais, o Centro também montou uma revista e possuía apoio do jornal O Tempo, órgão veiculador de notícias do governo vigente.

A diretoria inicial do Centro era formada por Lupércio Lopes, presidente; Anfilóquio Gonçalves, secretário e Ildefonso Juvenal, com o título de relator.

Quinze dias após, a 19 de janeiro, houve a instalação oficial com Anfilóquio na presidência, Lupércio Lopes na vice, e Nicolau Nagrib Nahas como tesoureiro. Foram considerados fundadores Ildefonso Juvenal, Hermínio Millis, Lupércio Lopes, Trajano Margarida, Waldemar Luz, Porfírio Gonçalves, Rodolfo Bosco e Nelson de Almeida Coelho (CORRÊA, 1997, p. 170).

360

Além de Trajano Margarida, personagem central do enredo que por hora traçamos para pensar as trajetórias de afrodescendentes em Florianópolis nas primeiras décadas de República, também outros intelectuais de origem africana compunham a cena deste Centro e atuação: Ildefonso Juvenal, secretário da agremiação e Antonieta de Barros⁵, membro efetivo do quadro de sócios⁶.

O Centro teve vida curta, apenas dois anos, segundo registros em jornais e textos produzidos no período, bem como abordagens desenvolvidas por Carlos Humberto Corrêa em âmbito político, destacando a atuação desta associação importante cultural e

⁴ “Era, definitivamente, o fim do longo período hercilista, que começara em 1892, e com ele também o apoio dado às instituições culturais, principalmente à recém-criada Academia Catharinense de Letras. Este término implicava até certo ponto na vitória do grupo que contra ele se insurgiu em 1920, liderado por Vidal Ramos, que arrastava consigo lideranças como Lauro Müller, Felipe Schmidt e, surgindo, seu filho Nereu Ramos” (CORRÊA, 1997, p. 169).

⁵ “A professora normalista negra Antonieta de Barros, já proprietária de uma escola primária e que mais tarde, em 1935, viria a ser a primeira mulher deputada estadual em Santa Catarina, constituinte, (posteriormente diretora do Instituto de Educação Dias Velho e novamente deputada em 1948), era o exemplo disto” (CORRÊA, 1997, p. 171).

⁶ Além da diretoria, “compunham inicialmente o quadro as seguintes pessoas: João Silveira de Matos, Antonieta de Barros, Sebastião Vieira, Nelson D’Almeida, Pedro Garcia, Antônio Sbissa, Jovita Lisboa, Pedro Paulo Taborda, Araújo Figueiredo, Geraldino Azevedo, Juvenal Melquiades, Irineu Livramento, Dário de Bittencourt, Isaura Veiga de Faria, Garcia Rosa, Juvêncio Braga, Beatriz de Sousa Brito, Arthur Galletti, I. R. Barbosa, Oscar Ramos, José de Diniz e João Rosa Júnior.” (CORRÊA, 1997, p. 170)



politicamente na cidade de Florianópolis. Durante sua existência, a agremiação desenvolveu trabalhos literários e conseguiu articular homens e mulheres de origem africana, bem como realizou uma parceria com a Liga do Magistério Catarinense, “instituição composta somente de mulheres, trazendo para seu seio outras estudiosas e literatas como a presidente Beatriz Brito e a oradora e poetisa Maura de Senna Pereira. Antonieta de Barros era primeira secretária da Liga” (CORRÊA, 1997, p. 171-172).

O Centro ainda promoveu um *Festival lítero-musical*, em maio de 1925, com canto por Trajano Margarida e Isaura Barreiros Cabral. Apesar das ações culturais e do empenho da diretoria e seus associados, em 1926 nova composição diretiva foi organizada. “Eleição realizada, foi eleito Barreiros Filho para a presidência, seguido de Odilon Fernandes, vice; Arnaldo Gomes Jardim, primeiro secretário; Porfírio Gonçalves, segundo secretário e Nicolau Nahas, tesoureiro” (CORRÊA, 1997, p. 172). Esta foi a última diretoria da qual se tem informações.

Seguindo a análise sobre a atuação de Margarida na vida associativa e cultural de Florianópolis, uma composição preparada para o carnaval de 1930 merece observações para este texto, visando perceber práticas sociais das populações de origem africana residentes na área central de Florianópolis, articulando memórias orais, letramento e indícios de Áfricas em práticas e perspectivas para a morte:

361

*Quando eu já estiver morrendo,
Na minha última agonia,
Quero ouvir do carnaval
Seus batuques de arrelia.*

*Pois lá do céu
Que não há mal,
Também terá
Seu carnaval.*

*Como último conforto,
Em lugar de confissão
Quero ouvir toda negrada
Requebrando num cordão.*

*Quando eu for p'ro cemitério,
Deitadinho num caixão,
Quero ser acompanhado
Por um bloco ou um cordão⁷.*

Marcado pelas memórias do Morro do Mocotó e da avó Geralda, uma escravizada, imerso nos problemas que o processo de modernização da capital desencadeou aos homens e às mulheres pobres, em especial de descendência africana e

⁷ MARGARIDA, Trajano. *Canções Carnavalescas*. Florianópolis: Typografia Schuldt, 1930.



recém-libertos da escravidão, Trajano Margarida utilizava-se de um conhecimento letrado, embebido em memórias e práticas culturais das camadas populares de origem africana. Sua poesia, seus textos e escritos em jornal, bem como as canções carnavalescas apontam para uma cidade em mudança, mas ainda incapaz de atender as demandas de cidadania emanadas por aqueles sujeitos saídos da condição de escravidão (RASCKE, 2016).

Ao mesmo tempo em que apresenta esta cidade, Margarida indica a alegria e os festejos de carnaval, com seus batuques nos cordões. Interessante mencionar que a morte foi tratada pelo autor como um momento de passagem a ser vivida coletivamente, sob o ritmo do bloco ou do cordão, com música, dança e uma procissão festiva, traço significativo de uma “boa morte” (REIS, 1991) aos moldes das matrizes africanas organizadas em irmandades e outras associações equivalentes (RASCKE, 2016).

O acesso às letras e as relações próximas de Trajano Margarida com diferentes figuras públicas e políticas da cidade, bem como sua inserção em inúmeras associações não significou afastamento com relação ao modo de ver e compreender o mundo, a partir do lugar em que enunciava, suas heranças africanas. A estrofe “Quando eu for p’ro cemitério/ Deitadinho num caixão/ Quero ser acompanhado/ Por um bloco ou um cordão”, evidencia uma vivência encharcada nas práticas de origem africana da qual fazia parte (RASCKE, 2016).

362

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, nestas breves linhas, evidenciar aspectos organizativos de associações de origem africana existentes em Florianópolis na primeira metade do século XX, em especial atentando para o protagonismo do intelectual Trajano Margarida nestas agremiações gestadas pela sociedade civil.

Com base em publicações de jornais, poemas, textos e produções de época, conseguimos organizar alguns momentos da vida deste intelectual engajado política e culturalmente, com atenção especial para associações onde atuou e cujos objetivos envolviam o campo das letras, das vivências cotidianas e dos embates em torno de uma cidade melhor para se viver.

REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Antonieta Martines. **Memórias Ancoradas em Corpos Negros**. São Paulo: EDUC, 2014. 2ª ed.

CARDOSO, Fernando Henrique & IANNI, Octávio. **Cor e Mobilidade Social em Florianópolis**. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1960.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Negros em Desterro**: as experiências das populações de Desterro na segunda metade o século XIX. Itajaí: Casa Aberta, 2008.



_____. **A luta contra a apatia.** Estudo sobre a instituição do movimento negro antirracista na cidade de São Paulo (1915-1931). Itajaí: Casa Aberta, 2013.

_____; RASCKE, Karla Leandro. Cidadania e expectativas no bairro da Figueira: o surgimento do Figueirense Foot-Ball Club (Florianópolis/SC, 1921-1951). **Vozes, Pretérito & Devir: Revista de História da UESPI**, v. 5, n. 1, p. 99-121, 2016. Disponível em: <http://revistavozes.uespi.br/ojs/index.php/revistavozes/article/view/95/108>. Acesso em 16/09/2016.

CARVALHO, Andréa Cândido de Moraes de. **Negros em Lages:** Memória e experiência de afrodescendentes no planalto catarinense. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Florianópolis: UFSC, 2001.

CUNHA, Maria Clementina Pereira da Cunha. **Carnavais e Outras F(r)estas:** ensaios de História Social da Cultura. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). **Quase-cidadão:** histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, pp. 241-282.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação Escolar das Elites:** o Ginásio Catarinense na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DOMINGUES, Petrônio. “Um desejo infinito de vencer”: o protagonismo negro no pós-Abolição. **Revista Topoi**, vol. 12, n. 23, jul.-dez. 2011, p. 118-139.

FANON, Franz. **Os Condenados da Terra.** Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

FELIPPE, Fábio. “**No coração da torcida**”: a fundação do figueirense Foot-Ball Club na década de 1920. 2001. 50 f. Trabalho de conclusão de Curso (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina.

FIGUEIRENSE Foot-ball Club. **A República**, Florianópolis, 10. jul.1921.

“FIGUEIRENSE” Foot-ball club. **O Estado**, Florianópolis, 11.jul.1921.

GARCIA, Fábio. Intelectuais negros no pós-Abolição: associativismo negro em Florianópolis (1915-1925). **Anais Eletrônicos ANPUH**. Fortaleza, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 20 de junho de 2016.



_____. **Negras Pretensões:** a presença de intelectuais, músicos e poetas negros nos jornais de Florianópolis e Tijucas no início do século XX. Florianópolis: Umbutu, 2007.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma Poética da Diversidade.** Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

GOMES, Flávio. **Experiências atlânticas:** ensaios e pesquisas sobre a escravidão e o pós-emancipação no Brasil. Passo Fundo, RS: UPF, 2003.

GOSS, Karine Pereira. “Trajetórias militantes em uma organização do movimento negro de Florianópolis (SC)”. **Série Pensamento Negro em Educação**, NEN, Florianópolis, vol. 9, 2006, p. 139-195.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. “Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra de São Paulo e Rio de Janeiro, 1925-1950”. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 29/30, 2003, pp. 247-269.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

364

_____. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

_____. **Sin Garantías:** trayectorias y problemáticas em estúdios culturales. Popayán: Envióñ Editores, 2010.

MACEDO, Lisandra Barbosa. **Ginga, Catarina!** Manifestações do samba em Florianópolis na década de 1930. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Florianópolis, 2011.

MARGARIDA, Trajano. **Canções Carnavalescas.** Florianópolis: Typografia Schuldt, 1930.

MARIA, Maria das Graças. **“Imagens invisíveis de Áfricas presentes”:** experiências das populações negras no cotidiano da cidade de Florianópolis (1930-1940). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 1997.

_____. “Memória subterrânea: construção das representações de identidade do negro em Florianópolis”. **Esboços**, Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Florianópolis, vol. 2, n. 2, 1995, p. 58-69.



MATTOS, Hebe Maria; RIOS, Ana Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Revista TOPOI**, v. 5, n. 8, jan-jun. 2004, p. 170-198.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais/Projetos Globais**: colonialidade, saberes subalternos, pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

RASCHE, Karla Leandro. **Irmadades Negras**: memórias da diáspora no sul do Brasil. Curitiba: Appris, 2016.

_____. Culturas em diáspora: sonoridades, enredos e performances em territórios negros de Florianópolis/SC (1920 - 1950). **Anais do XXVIII Encontro Nacional de História**. 27 a 31 de julho de 2015. Florianópolis- SC, p. 1-15.

_____. Agremiações afrodescendentes em Florianópolis na primeira metade do século XX. **Anais do II Seminário Internacional de História do Tempo Presente**. 13 a 15 de outubro de 2014, Florianópolis - SC, p. 1-16.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil no século XIX. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

365

ROMÃO, Jeruse Maria. **A África está em nós**: história e cultura afro-brasileira – africanidades catarinenses. João Pessoa: Grafset, 2010.

ROSA, Júlio César da. **União Operária**: Resistência e Manifestação Cultural Negra em Criciúma na Década de 30. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Criciúma: UNESC, 2006.

SADER, Eder. **Quando os novos personagens entraram em cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SILVA, José Carlos Gomes da. **Os sub urbanos e a outra face da cidade**. Negros em São Paulo: cotidiano, lazer e cidadania (1900-1930). Dissertação de Mestrado, Unicamp, 1990.

SILVA, Maria Aparecida Pinto. **Visibilidade e respeitabilidade**: memória e luta dos negros nas associações culturais e recreativas de São Paulo (1930-1968). Mestrado, São Paulo, PUC, 1997.

SILVEIRA, Janaina Nailde da. **Nos Bailes da Vida**: Sociedade Sebastião Lucas – Espaço de sociabilidade dos afro-descendentes em Itajaí. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História) - Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Itajaí; UNIVALI, 2000.



THIAGO, Arnaldo S. **História da Literatura Catarinense**. Florianópolis: Imprensa Oficial de SC, 1957.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.